

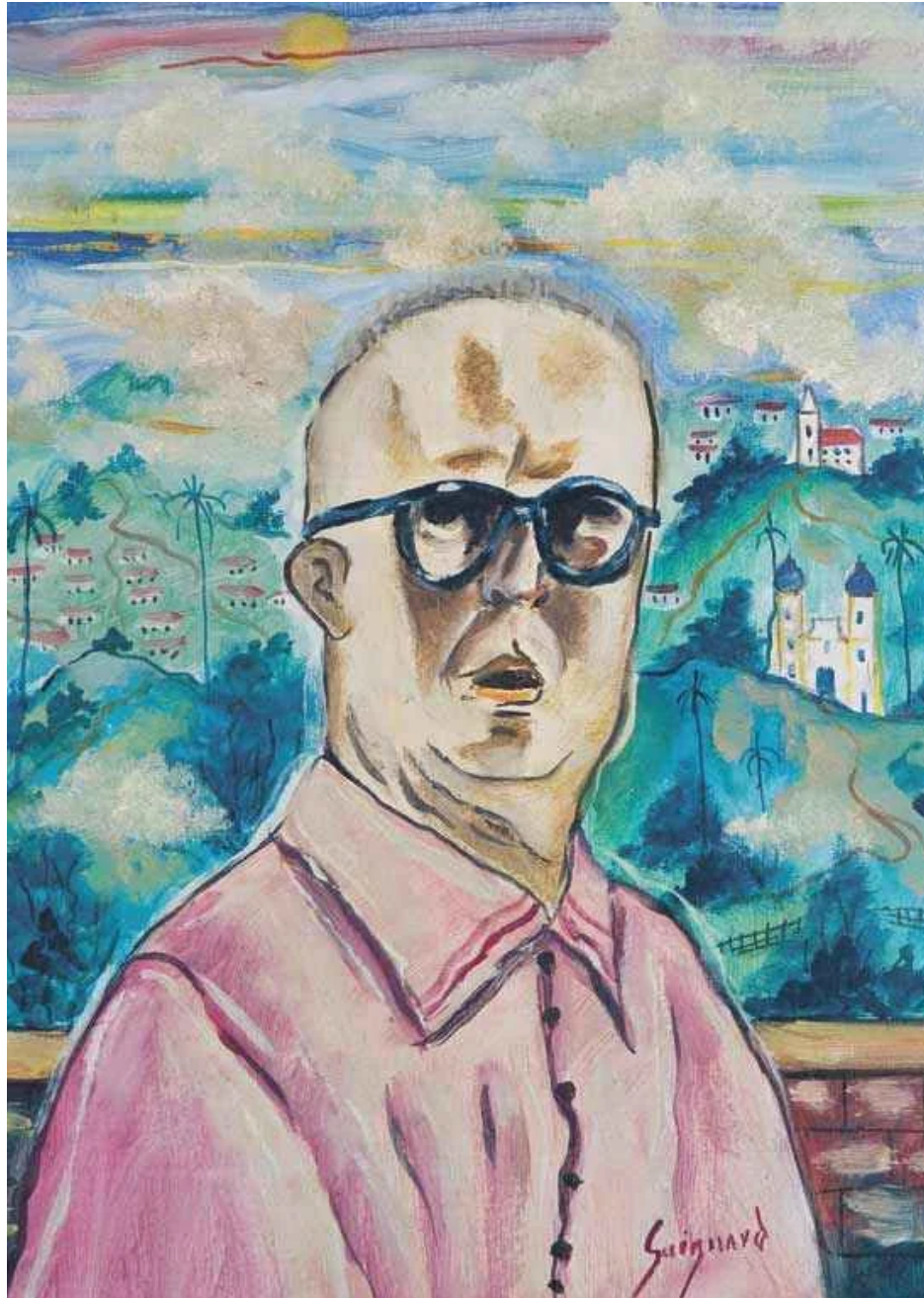


Fig. 1: Alberto da Veiga Guignard: aquarela sobre cartão, 65X55 cm, coleção Carlos Perktold. Imagem: divulgação.

REFLEXÕES

PEQUENA AUTOBIOGRAFIA DE UM COLECIONADOR

CARLOS PERKTOLD
ABCA/MINAS GERAIS



Irmão José e sua família no Tirol austríaco tinham uma fé católica inabalável. Dos seis irmãos, três foram ser religiosos. José veio para o Brasil na expectativa e na esperança de catequizar índios, convertendo-os à sua crença. Cheio de ingenuidade e ilusão antropológica, não conseguiu realizar seu desejo. Primeiro, por falta de índios em Minas Gerais, e segundo, porque a igreja precisavadeleparaoutrasatividades. Eleeraentalhador e deixou um acervo que, hoje, passa despercebido pelo grande público que não tem registro de quem fez o que há nas capelas do Colégio Arnaldo, Santa Casa de Misericórdia, Convento das Carmelitas, Convento Bom Pastor e tantos outros trabalhos agora espalhados entre poucas famílias que tinham bom gosto e cultura para ter móveis entalhados na Belo Horizonte dos anos 1940 em diante.

Digo tudo isso porque, na pia batismal, irmão José recebeu o nome de Antônio Perktold e era meu pai. Dele herdei o amor ao trabalho, à arte e à honestidade, essa categoria hoje tão desvalorizada neste triste país. Ele chegou ao Brasil em 1925 com vinte e dois anos de idade. Aos trinta e seis anos deixou a Congregação do Verbo Divino e conheceu uma moça alta e bonita com grandes olhos azuis com quem se casou e teve dois filhos. Meu irmão morreu “de teimosia”, como dizia minha mãe. Dela herdei a garra, a afetividade e a determinação de crescer sempre. Da família primitiva e tão pequena, resta apenas este articulista.

Fig. 2: Alberto da Veiga Guignard (1896-1962), Autorretrato, 30x25. Foto Nello Aun

Não sou artista, algo que já esclareci em outro texto, mas um apaixonado pelas artes plásticas, em especial a pintura, que me transformou em colecionador. Sinto que essa paixão esteve recôndita durante boa parte de minha juventude, despertada a partir de uma viagem aos Estados Unidos, onde visitei vários museus em Chicago, Nova York e Miami, aos vinte e cinco anos de idade. Passei 45 dias em Nova York e fazia visitas diárias ao MOMA e ao Metropolitan, este em especial no terceiro andar, onde se encontram os impressionistas. Voltei perdido de paixão pela arte e comecei a colecionar com certa ingenuidade, comprando peças que descartei na mesma medida que desenvolvia meu olhar.

Sem orientação alguma sobre pintura, cores, pintores, composição, número de ouro, ritmo e outros atributos de uma bela peça, demorei algum tempo para aprender a reconhecer uma obra-prima. Quando o click da compreensão veio de dentro pra fora, compreendi o que era um bom quadro, uma bela pintura. Aí me desfiz de tudo que tinha pela segunda vez e recomecei nova pinacoteca pessoal. Lembre-se que em qualquer atividade com orientação de alguém experiente, ganha-se menos tempo.

Se o leitor quer compreender o que é “de dentro pra fora”, comece por frequentar galerias, museus, exposições; leia muito sobre história da arte (E. H. Gombrich é fascinante); se puder, frequente ateliês de artistas. Com essas atividades desenvolve-se o olhar e

Fig. 3: Di Cavalcanti: 80X65. Foto Nello Aun



há um momento em que aquele “click” interno lhe faz compreender a imensa diferença entre o que muitos pintores de fim de semana fazem e o que fizemos modernistas brasileiros ou os impressionistas franceses.

Frequente leilões de arte e fique atento a preços, porque há pessoas que investem nela como se fosse na bolsa de valores. Lembre-se que ela não tem a liquidez do mercado financeiro, mas a longo prazo pode ser vantajosa, além da alegria, prazer visual e o seu desenvolvimento intelectual e de seus descendentes. Não se assuste se vir alguém a arrematar algo que o leitor, já com o olhar desenvolvido, não compraria. Há ocasiões em que dá vontade de sentar no chão da galeria e chorar por ver um arrematante que está no lugar que um dia foi seu, adquirindo peças que dentro de dez anos ele descartará. Não tente transmitir sua experiência ou convencê-lo de que se ele tivesse arrematado o lote anterior teria mais beleza em casa. Acredite-me: é inútil. Em geral, as pessoas não aceitam conselhos e na nossa cultura não transmitimos experiência. Com

certeza o arrematante ainda não tem aquela compreensão interna que mencionei acima.

Passados alguns anos como colecionador com compras e vendas novas, trocas, muita leitura e interesse intelectual, é hora de começar a escrever o que penso sobre os artistas cujos trabalhos fizemos o leitor se apaixonar. Não tenha medo de dar sua opinião, porque agora já tem conhecimentos e vivência para defender seu ponto de vista e até explicar pontualmente por que gosta ou não dos trabalhos de fulano de tal, apesar do sucesso comercial dele. Lembre-se: há uma diferença abissal entre ser artista e ser um pintor. Com a vivência que tem agora, saberá diferenciar um do outro.

O tempo, essa categoria implacável, nos ensina que o que é bom, fica, mesmo que demore séculos. Vermeer ficou desconhecido por duzentos anos. O sempre citado Van Gogh penou uma vida, mas tinha consciência de seu valor e dizia que pintava “para pessoas que nem haviam nascido”. A lista de artistas que não foram contemporâneos de si mesmos e por

isso incompreendidos, é longa.

Por último, mas não menos importante, cuidado com o que observa na pintura abstrata. Ela é difícil de ser compreendida. Depois que Kandinsky a criou, transmitiu também a falsa impressão de que ela “é fácil” e que qualquer um faz. Não faz. Aliás, nem copia. Acredite apenas no abstracionista que passou anos pintando paisagens e figurativos e que, nos seus trabalhos iniciais, já apresentava algo para abstrair, simplificar.

Não sou pintor nem artista, mas escrevo sobre eles. Conheço minhas limitações. Se o leitor é como eu, comece já sua pinacoteca pessoal. As oportunidades estão nas dezenas de leilões quase diários pelo Brasil afora, nas galerias e ateliês.

CARLOS PERKTOLD

Graduado em Direito e Psicologia, é especialista em História da Cultura Geral e de Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sendo colecionador de obras de arte há 54 anos. Psicanalista, exerce atividades em Belo Horizonte (MG). Integra a Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), a Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) e o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Foi agraciado com a Medalha da Inconfidência, Medalha de Honra da Inconfidência, Medalha Santos Dumont pelo governo de Minas e com a Medalha João Pinheiro pelo IHGMG. É autor de *Ensaio de Pintura e de Psicanálise* (2002), *Caixa de Ferramentas* (2003), *A Cultura da Confiança ou a História do Crédito no Brasil* (2008).